

AS CRUZADAS

Cruzadas, expedições militares realizadas pelos cristãos da Europa Ocidental, organizadas a partir de 1095, normalmente a pedido do papa, para recuperar o território de peregrinação conhecido pelos cristãos como Terra Santa (entre eles, Jerusalém) e que estava sob o controle dos muçulmanos. A palavra cruzada (do latim *crux*, “cruz”, o emblema dos cruzados) foi aplicada também, especialmente no século XIII, às guerras contra os povos pagãos, contra os hereges cristãos e contra os inimigos políticos do papado e a qualquer guerra religiosa.

A origem das Cruzadas está enraizada no cataclismo político resultante da expansão dos seldjúquidas no Oriente Médio na metade do século XI. As Cruzadas também foram o resultado da ambição de alguns papas que buscaram ampliar seu poder político e religioso. Por outro lado, as expedições ofereciam grandes oportunidades comerciais aos mercadores das poderosas cidades do Ocidente.

As Cruzadas foram um grande atrativo para a sociedade contemporânea. Sua popularidade foi solidificada na compreensão da sociedade que apoiou esse movimento. Era uma sociedade de crentes, e muitos cruzados estavam convencidos de que sua participação na luta contra os infiéis lhes garantiria a salvação espiritual. Também era uma sociedade militarista na qual as esperanças e as ambições estavam associadas às façanhas militares.

Assim, denominam-se cruzadas as diversas expedições religioso-militares, realizadas nos séculos XI, XII e XIII, tendo por objetivo a libertação de Jerusalém e do Santo Sepulcro, do poder dos *muçulmanos*. Este nome originou-se por usarem os participantes das mesmas uma cruz de pano vermelho na altura dos ombros e nas bandeiras.

As cruzadas, que foram em número de 8, sendo as mais notáveis a 1ª, 3ª, 4ª e 7ª, puseram em contato os povos do oriente com os do ocidente da Europa, e tiveram uma grande importância política, assim como considerável influência sobre o desenvolvimento da civilização.

1ª cruzada (1095-1099) – Havendo regressado da Palestina, o monge Pedro o Eremita, a pedido de Urbano II, percorreu a Europa narrando as injúrias e os sofrimentos a ele infligidos pelos infiéis e ao mesmo tempo exortando o povo a iniciar a guerra santa.

Recebida a idéia com colossal entusiasmo, Urbano II convocou um concílio em Clermont, onde perante inúmeros religiosos, pregou a cruzada.

Reuniu-se logo uma grande multidão que, ao grito de *Deus o quer* e após haver colocado sobre as vestes a cruz vermelha, se pôs em marcha sob o comando de Pedro o Eremita e de um pobre cavaleiro normando, Gautier-sans-Avoir. Esses primeiros cruzados, que haviam partido sem os necessários preparativos, acabaram perecendo nas mãos dos árabes.

No ano seguinte, pôs-se a caminho uma cruzada senhorial, mais prudente e melhor organizada. Era composta de grandes exércitos que, por vias diversas, chegou a Constantinopla, onde o imperador Aleixo, receoso da permanência na capital, de um número tão elevado de soldados, depressa lhes forneceu meios para atravessarem o estreito.

Logo que desembarcaram na Ásia, sitiaram a cidade de Nicéia, que se rendeu: venceram os árabes na batalha de Doriléia e internaram-se na árida Frigia. Conseguiram ainda tomar a Antioquia, dirigindo-se depois para Jerusalém, onde entraram a 15 de julho de 1099.

Godofredo de Bouillon, aclamado soberano do reino de Jerusalém, fundado pelos cruzados, recusou a honra, aceitando somente o título de defensor e barão do Santo Sepulcro, pois que “não podia trazer uma coroa de ouro no país em que o rei dos reis havia trazido uma coroa de espinhos”.

Reduzidos a um pequeno número e cansados das privações e dos sofrimentos da campanha, os cruzados regressaram à Europa, deixando na Palestina Godofredo de Bouillon, com apenas trezentos homens.

2ª e 3ª cruzadas – a tomada de Edessa pelo sultão Nuradino e o massacre de toda a população dessa cidade moveram os cristãos da Europa a renovarem a cruzada que, desta vez, foi pregada por São Bernardo e chefiada por Luís VII, rei de França, e Conrado III, imperador da Alemanha.

Conrado partiu primeiro, perdendo quase todo o seu exército no desfiladeiro do Tauro, em virtude de uma traição por parte dos gregos. Retornou com alguns soldados a Constantinopla, onde se encontrou com Luís VII.

Reunindo aos seus os poucos homens de Conrado, dirigiu-se este rei à Palestina sem, contudo, alcançar melhor êxito do que aquele.

Novamente, em 1187, viu-se a Europa abalada pela notícia de mais uma conquista árabe: Jerusalém caíra em poder do sultão Saladino.

Ao ter conhecimento desta triste nova, Guilherme, arcebispo de Tiro, foi à Europa para animar os fiéis a tomarem de novo a cruz. Frederico Barbarroxa, imperador da Alemanha, Ricardo Coração de Leão e Filipe Augusto, rei de França, prontificaram-se a ir combater os muçulmanos.

Frederico Barbarroxa, após haver atravessado a Hungria e o Império Bizantino, chegou à Ásia e pretendia avançar para o interior, quando pereceu afogado nas águas do rio Selef. O seu exército, sem chefe, foi pouco a pouco sendo dizimado pelos muçulmanos.

Ricardo e Filipe foram por mar. Chegados às terras asiáticas, conseguiram alguns sucessos, entre os quais, a conquista de São João D'Acre. Em razão do gênio violento de Ricardo, Filipe com ele se desaveio, retornando à França.

O turbulento rei da Inglaterra permaneceu na Palestina, mas Não conseguiu tomar Jerusalém, principal objetivo da Cruzada; contudo, alcançou uma paz honrosa com Saladino.

Últimas cruzadas – A quarta cruzada foi pregada por Foulques, cura de Neuilly, a mando de Inocêncio III. Tomaram a cruz grandes senhores destacando-se dentre eles Balduíno, conde de Flandres e Bonifácio II, marquês de Montferrato. Desistindo do ataque aos árabes, entregaram-se à conquista de Constantinopla, onde fundaram o Império Latino, com Balduíno para primeiro Imperador.

A quinta, dirigida contra o Egito, teve por chefes André II, da Hungria, e João de Brienne.

A sexta foi empreendida por Frederico II, da Alemanha, a fim de ser absolvido da excomunhão que lhe lançara Gregório IX. Chegando à Palestina, este Imperador negociou com o sultão Medelin a entrega de Jerusalém, na qual permitiria o culto muçulmano.

Na sétima, os cruzados atacaram o Egito e apossaram-se de Damietta. Derrotados em Mansurah, caiu São Luís prisioneiro dos infiéis. Pago o seu resgate, este rei ficou ainda quatro anos na Terra Santa.

A oitava, que tinha por finalidade alcançar o Egito, foi desviada para Tunis, por Carlos d'Anjou, rei das Duas Sicílias. Aí, em consequência da peste grassante, faleceu São Luís sendo sucedido por seu filho Filipe o Audaz, que, após haver concluído um tratado de paz com os árabes, regressou à Europa.

Cruzadas, expedições militares realizadas pelos cristãos da Europa Ocidental, organizadas a partir de 1095, normalmente a pedido do papa, para recuperar o território de peregrinação conhecido pelos cristãos como Terra Santa (entre eles, Jerusalém) e que estava sob o controle dos muçulmanos. A palavra cruzada (do latim *cruis*, “cruz”, o emblema dos cruzados) foi aplicada também, especialmente no século XIII, às guerras contra os povos pagãos, contra os hereges cristãos e contra os inimigos políticos do papado e a qualquer guerra religiosa.

A origem das Cruzadas está enraizada no cataclismo político resultante da expansão dos seldjúquidas no Oriente Médio na metade do século XI. As Cruzadas também foram o resultado da ambição de alguns papas que buscaram ampliar seu poder político e religioso. Por outro lado, as expedições ofereciam grandes oportunidades comerciais aos mercadores das poderosas cidades do Ocidente.

As Cruzadas foram um grande atrativo para a sociedade contemporânea. Sua popularidade foi solidificada na compreensão da sociedade que apoiou esse movimento. Era uma sociedade de crentes, e muitos cruzados estavam convencidos de que sua participação na luta contra os infiéis lhes garantiria a salvação espiritual. Também era uma sociedade militarista na qual as esperanças e as ambições estavam associadas às façanhas militares.

Assim, denominam-se cruzadas as diversas expedições religioso-militares, realizadas nos séculos XI, XII e XIII, tendo por objetivo a libertação de Jerusalém e do Santo Sepulcro, do poder dos *muçulmanos*. Este nome originou-se por usarem os participantes das mesmas uma cruz de pano vermelho na altura dos ombros e nas bandeiras.

As cruzadas, que foram em número de 8, sendo as mais notáveis a 1ª, 3ª, 4ª e 7ª, puseram em contato os povos do oriente com os do ocidente da Europa, e tiveram uma grande importância política, assim como considerável influência sobre o desenvolvimento da civilização.

1ª cruzada (1095-1099) – Havendo regressado da Palestina, o monge Pedro o Eremita, a pedido de Urbano II, percorreu a Europa narrando as injúrias e os sofrimentos a ele infligidos pelos infiéis e ao mesmo tempo exortando o povo a iniciar a guerra santa.

Recebida a idéia com colossal entusiasmo, Urbano II convocou um concílio em Clermont, onde perante inúmeros religiosos, pregou a cruzada.

Reuniu-se logo uma grande multidão que, ao grito de *Deus o quer* e após haver colocado sobre as vestes a cruz vermelha, se pôs em marcha sob o comando de Pedro o Eremita e de um pobre cavaleiro normando, Gautier-sans-Avoir. Esses primeiros cruzados, que haviam partido sem os necessários preparativos, acabaram perecendo nas mãos dos árabes.

No ano seguinte, pôs-se a caminho uma cruzada senhorial, mais prudente e melhor organizada. Era composta de grandes exércitos que, por vias diversas, chegou a Constantinopla, onde o imperador Aleixo, receoso da permanência na capital, de um número tão elevado de soldados, depressa lhes forneceu meios para atravessarem o estreito.

Logo que desembarcaram na Ásia, sitiaram a cidade de Nicéia, que se rendeu: venceram os árabes na batalha de Doriléia e internaram-se na árida Frigia. Conseguiram ainda tomar a Antioquia, dirigindo-se depois para Jerusalém, onde entraram a 15 de julho de 1099.

Godofredo de Bouillon, aclamado soberano do reino de Jerusalém, fundado pelos cruzados, recusou a honra, aceitando somente o título de defensor e barão do Santo Sepulcro, pois que “não podia trazer uma coroa de ouro no país em que o rei dos reis havia trazido uma coroa de espinhos”.

Reduzidos a um pequeno número e cansados das privações e dos sofrimentos da campanha, os cruzados regressaram à Europa, deixando na Palestina Godofredo de Bouillon, com apenas trezentos homens.

2ª e 3ª cruzadas – a tomada de Edessa pelo sultão Nuradino e o massacre de toda a população dessa cidade moveram os cristãos da Europa a renovarem a cruzada que, desta vez, foi pregada por São Bernardo e chefiada por Luís VII, rei de França, e Conrado III, imperador da Alemanha.

Conrado partiu primeiro, perdendo quase todo o seu exército no desfiladeiro do Tauro, em virtude de uma traição por parte dos gregos. Retornou com alguns soldados a Constantinopla, onde se encontrou com Luís VII.

Reunindo aos seus os poucos homens de Conrado, dirigiu-se este rei à Palestina sem, contudo, alcançar melhor êxito do que aquele.

Novamente, em 1187, viu-se a Europa abalada pela notícia de mais uma conquista árabe: Jerusalém caíra em poder do sultão Saladino.

Ao ter conhecimento desta triste nova, Guilherme, arcebispo de Tiro, foi à Europa para animar os fiéis a tomarem de novo a cruz. Frederico Barbarroxa, imperador da Alemanha, Ricardo Coração de Leão e Filipe Augusto, rei de França, prontificaram-se a ir combater os muçulmanos.

Frederico Barbarroxa, após haver atravessado a Hungria e o Império Bizantino, chegou à Ásia e pretendia avançar para o interior, quando pereceu afogado nas águas do rio Selef. O seu exército, sem chefe, foi pouco a pouco sendo dizimado pelos muçulmanos.

Ricardo e Filipe foram por mar. Chegados às terras asiáticas, conseguiram alguns sucessos, entre os quais, a conquista de São João D'Acre. Em razão do gênio violento de Ricardo, Filipe com ele se desaveio, retornando à França.

O turbulento rei da Inglaterra permaneceu na Palestina, mas Não conseguiu tomar Jerusalém, principal objetivo da Cruzada; contudo, alcançou uma paz honrosa com Saladino.

Últimas cruzadas – A quarta cruzada foi pregada por Foulques, cura de Neuilly, a mando de Inocêncio III. Tomaram a cruz grandes senhores destacando-se dentre eles Balduíno, conde de Flandres e Bonifácio II, marquês de Montferrato. Desistindo do ataque aos árabes, entregaram-se à conquista de Constantinopla, onde fundaram o Império Latino, com Balduíno para primeiro Imperador.

A quinta, dirigida contra o Egito, teve por chefes André II, da Hungria, e João de Brienne.

A sexta foi empreendida por Frederico II, da Alemanha, a fim de ser absolvido da excomunhão que lhe lançara Gregório IX. Chegando à Palestina, este Imperador negociou com o sultão Medelin a entrega de Jerusalém, na qual permitiria o culto muçulmano.

Na sétima, os cruzados atacaram o Egito e apossaram-se de Damietta. Derrotados em Mansurah, caiu São Luís prisioneiro dos infiéis. Pago o seu resgate, este rei ficou ainda quatro anos na Terra Santa.

A oitava, que tinha por finalidade alcançar o Egito, foi desviada para Tunis, por Carlos d'Anjou, rei das Duas Sicílias. Aí, em consequência da peste grassante, faleceu São Luís sendo sucedido por seu filho Filipe o Audaz, que, após haver concluído um tratado de paz com os árabes, regressou à Europa.